

FRANCISCO OLIVA

# MEMÓRIAS

DE UM TIME DE ESQUINA

2ª EDIÇÃO

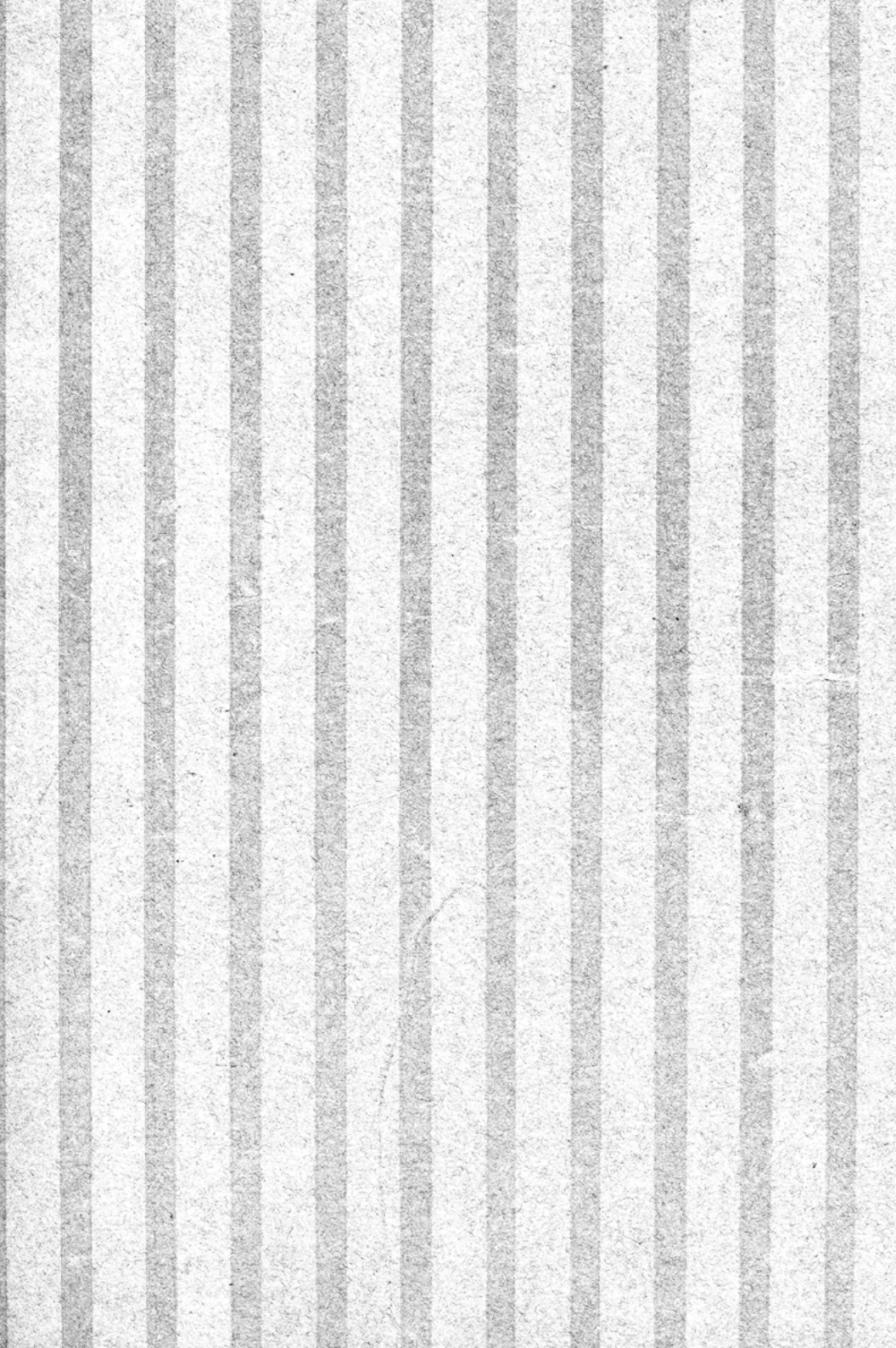


As origens do futebol no subúrbio carioca estão nas fábricas, nos clubes sociais, nas ruas de terra batida, de paralelepípedos, nos cruzamentos, nos campinhos de bairro dos interstícios da estrada de ferro da Central do Brasil. Foram centenas de times com suas camisas, identidades, torcidas e campos. Em um domingo especial de setembro de 1894, o futebol brasileiro nasceu em Bangu, no chão da fábrica de tecidos, no pioneirismo de um escocês. Dali em diante, homens e mulheres, crianças, jovens e adultos começaram a praticar suas sociabilidades por meio do futebol de rua, do time de esquina. Mulheres e negros buscavam resistir aos preconceitos, criando suas manobras. Ao longo dessa história, o futebol se tornou esporte para o bem-estar do corpo, mas também entretenimento e lócus de encontro de paixões, desejos, amizades e rivalidades.

Aqui o escritor Francisco Oliva traz as memórias do seu time de esquina, o Onze Rubros Atlético Clube, fundado em 1963. O que Oliva narra é um pouco da história de vários times que animavam o futebol de Quintino e arredores — do Juventude de Tônico e Arthur Antunes ao Quintino Futebol Clube de Caldeira, passando por outros times do Departamento Autônomo, como Everest de Inhaúma e Manufatura Nacional da Fábrica Klabin de Pilares. Este livro trata de uma ode ao subúrbio futebolero dos melhores dias do Rio de Janeiro de outrora. É um elogio para quem finca os pés nos campos de pelada.

**PEDRO HENRIQUE GOMES**





FRANCISCO OLIVA

# MEMÓRIAS

— . —  
DE UM TIME DE ESQUINA

2ª EDIÇÃO

Copyright © Francisco Oliva.

Todos os direitos desta edição reservados  
à MV Serviços e Editora Ltda.

REVISÃO

Leonardo Cunha

---

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ  
Elaborado por Gabriela Faray Lopes — CRB 7/6643

---

O41m

2. ed.

Oliva, Francisco

Memórias de um time de esquina / Francisco

Oliva. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

160 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-81315-49-8

1. Crônicas brasileiras. 2. Futebol – Crônicas.

1. Título.

23-82423

CDD: 869.8

CDD: 82-94(81)

---



Rua Teotônio Regadas 26 sala 904

20021\_360 \_ Lapa \_ Rio de Janeiro \_ RJ

[www.morula.com.br](http://www.morula.com.br) \_ [contato@morula.com.br](mailto:contato@morula.com.br)

[f/morulaeditorial](https://www.facebook.com/morulaeditorial) [@/morula\\_editorial](https://www.instagram.com/morula_editorial)

Dedico este livro a todos os peladeiros e aos queridos amigos que compartilharam a trajetória deste extraordinário time de esquina. Alguns deles foram citados, porque tiveram a fortuna de participarem dos momentos especialmente marcantes narrados, de forma evidente. Contudo, os que não foram mencionados não diferem em grau de importância quanto às glórias conquistadas pelo nosso querido Onze Rubros.

Esta obra é voltada, em especial, a todos os velhos treinadores desses campos. A dedicação fervorosa desses homens, de total entrega, ensinava os fundamentos básicos, aliando dom e talento criativo, e lançava os jovens aprendizes na maravilhosa arte de jogar futebol. Quero agradecer ao nosso querido Velho, Paulino dos Santos, que, além de sua incrível dedicação e dom divino de enxergar o futebol, preocupou-se demasiadamente, como um verdadeiro pai, com a educação e a formação do nosso caráter, levando-nos para o bem.

A eles, toda a minha gratidão.

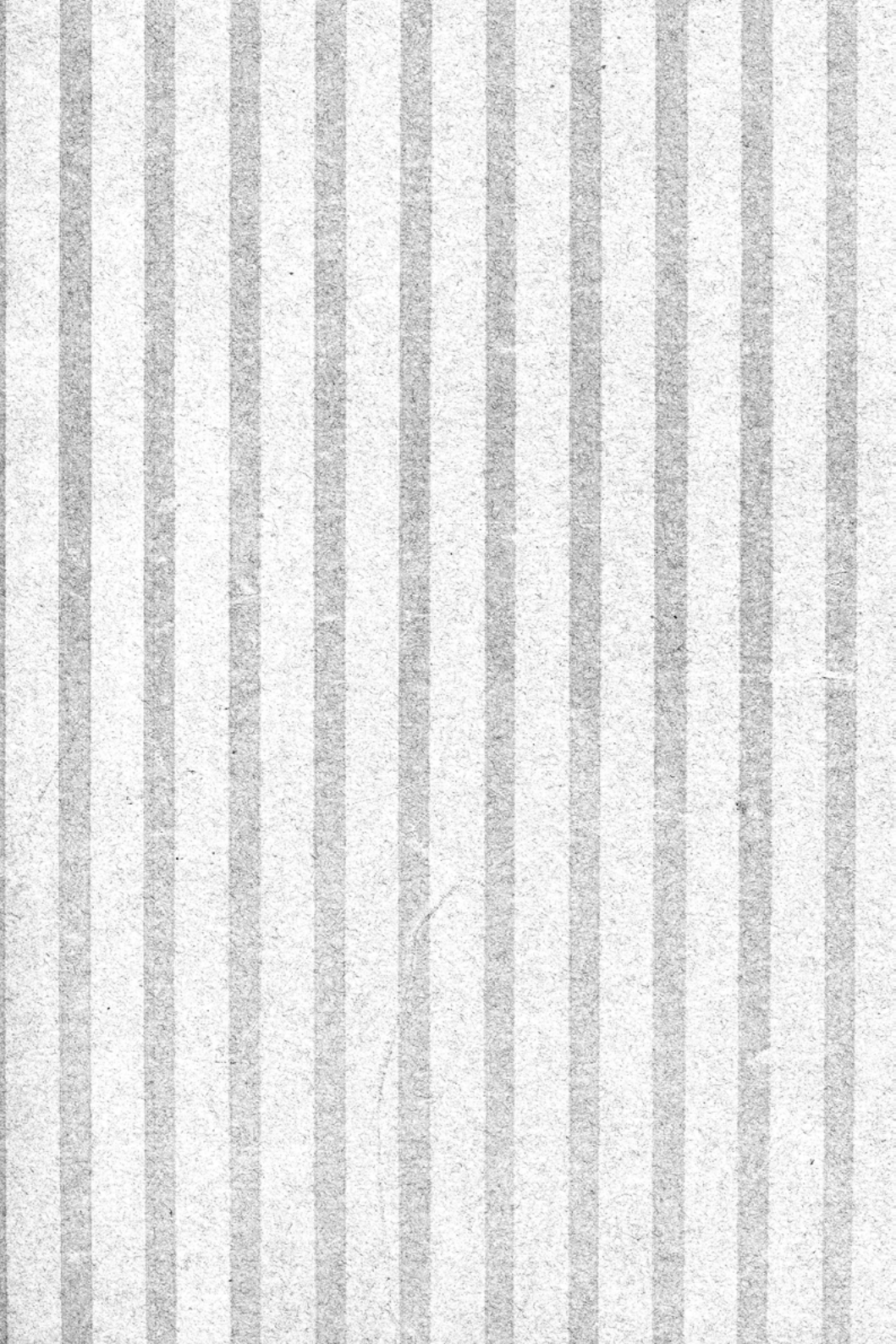
## SUMÁRIO

---

<b>PREFÁCIO</b>   Subúrbio futeboleiro	9
<b>APRESENTAÇÃO</b>	13
Memórias de um time de esquina	15
Uma nova fase	20
Aquele bendito lugar	21
Chegada deslumbrante	22
O concurso	29
A escola	32
A vingança	38
Grandes festas	41
Mês de junho	43
As peladas	47
Outras festas	52
Os apelidos	54
Uma grande arruaça	58
A excelência da solidariedade	61
O grande personagem	63
Novos rumos	81
Vitórias importantes	86
O lotação	88



A primeira viagem	90
Novos uniformes	96
Outra excursão memorável	97
Prêmio extra	102
Uma escolinha de futebol	103
Vaidades inevitáveis	105
Algoz	106
Viçosa	107
Um belo encerramento	110
Ano dourado e bendito	114
A grande batalha	117
A grande conquista	122
Um jogo dramático	127
O começo do fim de um grande time	129
Oportunidades	130
Outro ano glorioso	132
Tipos especiais	136
Ano do Tri	138
Vida que segue	139
Burra teimosia	142
Uma festa diferente	147
O fim anunciado	148
A maior festa de todas	151
Um dia para se esquecer	152
A grande festa	154
<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>157</b>



## PREFÁCIO

# SUBÚRBIO FUTEBOLEIRO

---

As origens do futebol no subúrbio carioca estão nas fábricas, nos clubes sociais, nas ruas de terra batida, de paralelepípedos, nos cruzamentos, nos campinhos de bairro dos interstícios da estrada de ferro da Central do Brasil. Foram centenas de times com suas camisas, identidades, torcidas e campos. Em um domingo especial de setembro de 1894, o futebol brasileiro nasceu em Bangu, no chão da fábrica de tecidos, no pioneirismo de um escocês. Dali em diante, homens e mulheres, crianças, jovens e adultos começaram a praticar suas sociabilidades por meio do futebol de rua, do time de esquina. Mulheres e negros buscavam resistir aos preconceitos, criando suas manobras. Ao longo dessa história, o futebol se tornou esporte para o bem-estar do corpo, mas também entretenimento e lócus de encontro de paixões, desejos, amizades e rivalidades.

No livro *Guimbaustrilho e outros mistérios suburbanos*, Nei Lopes, com a sua intelectualidade proveniente das pequenas e grandes histórias das ruas e das culturas populares, traça uma interessante reflexão sobre as histórias sociais e territoriais do futebol pelos subúrbios da Central do Brasil. Ele sinaliza como o esporte é uma prática social que envolve, aproxima e dá forma ao modo de vida dos suburbanos aos domingos:

Os campos de futebol suburbanos eram espaços de socialização dominical. Tinha gente que passava lá o domingo inteiro, se alimentando de pastel de carne e de camarão (com pimenta ou sem pimenta), tomando refresco de groselha e

raspa-raspa, chupando laranja (descascada no capricho, a casca fazendo aquela tira amarelo-esverdeada)... ou tomando umas timbucas pra enganar o estômago. E a programação desse domingo inteiro começava com uma pelada de veteranos ou 'casado e solteiro', de manhãzinha, e ia até o jogo calçado, 'prova de honra', o embate principal, de tardinha, os dois times bem uniformizados e de chuteiras reluzentemente ensebadas, fazendo até aquele 'hip-hurra', em roda no meio campo (Lopes, 2001, p. 128).

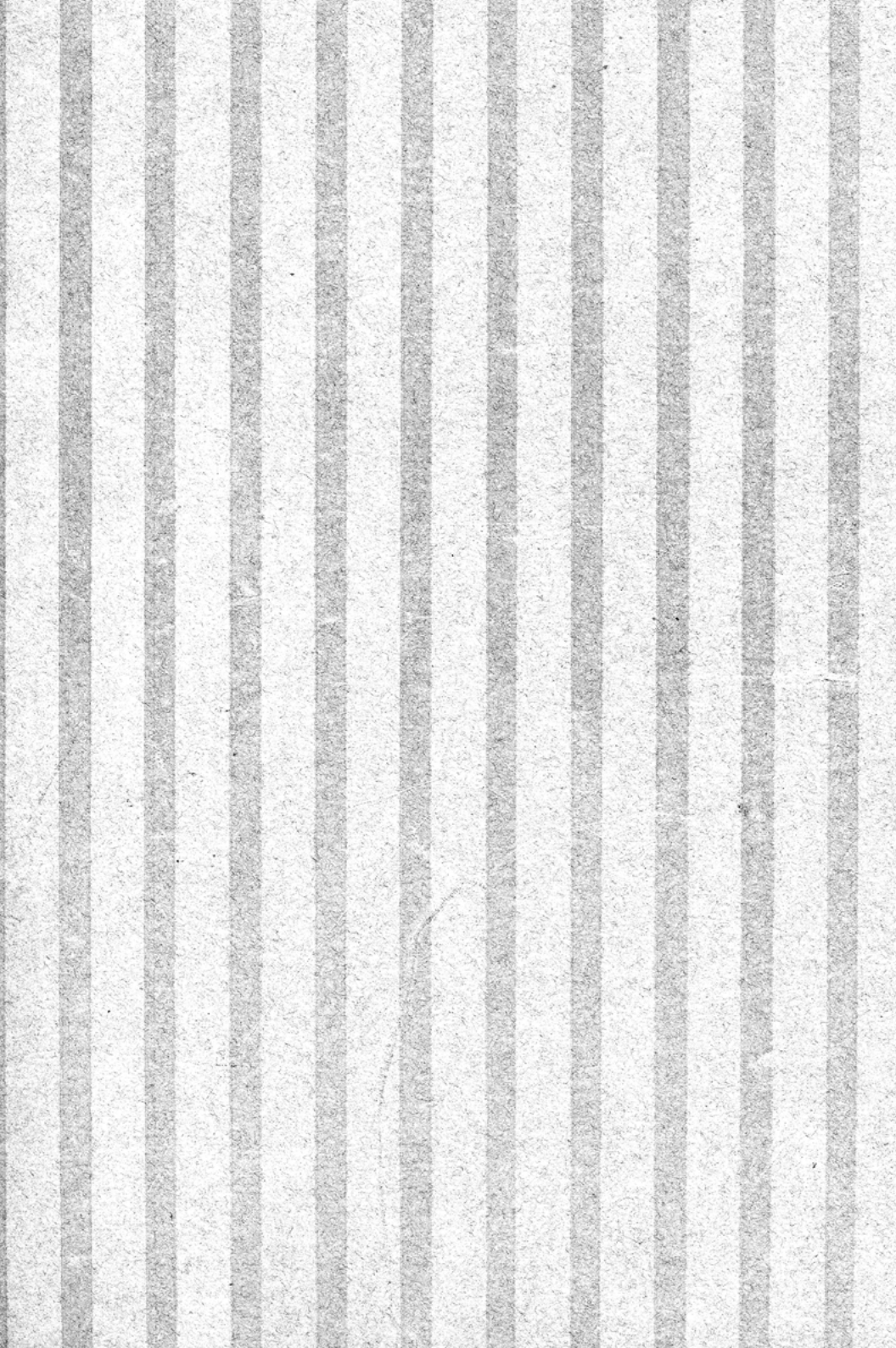
Aqui, neste livro, o escritor Francisco Oliva, nascido no Catumbi e com infância vivida em Quintino, esmiúça o que Nei Lopes sinaliza. Oliva traz as memórias do seu time de esquina — Onze Rubros Atlético Clube. Do conjunto habitacional IAPC, entre os bairros cariocas de Quintino e Cascadura, a agremiação foi fundada em 6 de janeiro de 1963 e viu craques anônimos do futebol brasileiro com a sagrada camisa vermelha e escudo ORAC desfilarem nas competições amadoras do Rio de Janeiro. De certa forma, o que Oliva narra, é um pouco da história de vários times que animavam o futebol de Quintino e arredores — do Juventude de Tonico e Arthur Antunes ao Quintino Futebol Clube de Caldeira, passando por outros times do Departamento Autônomo, como Everest de Inhaúma e Manufatura Nacional da Fábrica Klabin de Pilares.

Aproveitem as memórias do Oliva aqui descritas. Trata-se de uma ode ao subúrbio futeboleiro dos melhores dias do Rio de Janeiro de outrora. É um elogio para quem finca os pés nos campos de pelada. Como alegria, divertimento e fraternidade, nos clubes de bairro, nos territórios populares da bola, nas pequenas histórias das relações íntimas entre pessoas e seus territórios de vida. Pura contemplação do encontro e pertencimento! Deleitem-se.

**PEDRO HENRIQUE GOMES**

## REFERÊNCIA

LOPES, Nei. *Guimbaustrilho e outros mistérios suburbanos*. Rio de Janeiro: Dantes, 2001.



## APRESENTAÇÃO

---

Este livro é voltado a todos os boleiros/peladeiros que tiveram o privilégio de vivenciar a fase mais dourada da trajetória gloriosa do futebol brasileiro.

O termo “peladeiro”, insistentemente, é mencionado no sentido pejorativo, pois, hoje, os jogadores são formados e robotizados por escolinhas de futebol, comandadas por professores de Educação Física. Estes, na ânsia de buscarem altos ganhos precocemente, abandonaram o incentivo aos verdadeiros talentos da arte de jogar futebol e priorizam os conceitos de ensinar, sem levarem em consideração o dom natural do atleta e sua criatividade. Assim, tornam-nos “brucutus da bola”, fazendo os jogadores abandonarem a fundamentação essencial do verdadeiro futebol, contemplando-nos com algo pobre e feio, de disputa mais física do que de arte e técnica.

Nos campos de várzea deste imenso Brasil foram revelados os maiores peladeiros e craques-gênios do nosso futebol; alguns se perpetuaram por atingirem sucesso e notoriedade em vários clubes profissionais. A maioria dos jogadores teve a fama restrita aos lugares em que esses campos existiram; e suas contribuições foram proporcionais aos que ficaram famosos, em âmbitos nacional e internacional. Os ídolos que tínhamos como referência eram justamente os que permaneceram no ostracismo e embalsamaram os sonhos de muitos praticantes que, por sua vez, vieram a se tornar verdadeiros monstros do futebol. E seus frutos foram colhidos nas Copas do Mundo de 1958, 1962 e 1970.

Ao longo do livro, embora se faça referência a um time de esquina de um lugar específico, as pessoas que vivenciaram a época perceberão que a narrativa refere-se a tantos outros times e maravilhosos lugares outrora existentes ou que ainda existem. Muitos leitores, certamente,

relembrarão episódios semelhantes, pessoais, de muitas emoções e delícias durante um período de ouro, fase perfeita em todos os sentidos da vida e, com certeza, impossível de voltar a existir.



# MEMÓRIAS DE UM TIME DE ESQUINA

---

— Chiquinho! Acorda, meu filho, vem tomar café!

Acordar de quê, se nem dormi a noite toda?! Não sabia o que tanto me afligia e atormentava. Aquela manhã não era normal; a voz da minha madrinha soou gélida no meu ouvido — um silêncio sinistro de algo amedrontador, que murmurava fúnebre e de forma arrebatadora.

Uma tristeza profunda invadiu minha mente; não era tristeza que vinha do cérebro físico, do consciente ou subconsciente. Vinha da alma, do espírito. E eu, que acabara de completar 11 anos, sabia com exatidão que aquele dia seria diferente. Não sei como explicar...

O poder de percepção, de enxergar bem mais à frente, deprimia-me. Muitas vezes, passei por situações estranhas e incompreensíveis em função disso. Causava-me fraqueza, suores, palidez e náuseas; quase chegava a desfalecer.

Com muita força, levantei da cama. Ao pisar fora dela, tive um leve cambalear. Dirigi-me ao banheiro. Sentia fraqueza nos braços, a ponto de escovar com preguiça os dentes. Na verdade, nem os escovei.

Na mesa do café, estavam sentados meus padrinhos, um primo e uma prima de consideração, pois meus padrinhos eram amigos de meus pais. Meu Deus! Jamais vou esquecer aquele café da manhã! A mesa era farta, com variedades de doces, queijos, pães, bolo e outras iguarias; era para qualquer criança ficar eufórica e gulosa, principalmente eu, que convivía com as limitações de uma família pobre — pobre sim, porém com comida suficiente para satisfazer a fome, sem variações. Aquilo tudo levava meu pensamento à desconfiança e, cada vez mais, eu via nitidamente que algum acontecimento muito grave seria anunciado a mim.

Diante da fartura de comida, não toquei em nada; minha ânsia era de vômito. Olhei para o lado e vi minha prima com olhos marejados de lágrimas; minha madrinha levantou-se rapidamente, correu para a sala, considerando que eu não tinha percebido seu choro. Apesar da consciência de que uma notícia de proporções terríveis era iminente, não conseguia chorar; meus olhos estavam petrificados, e minha face não se movimentava. Durante algum tempo — não sei o quanto — fiquei em profundo silêncio, até que um despertar súbito estremeceu meu corpo e voltei à realidade, pois minha consciência terrena não queria que eu vivenciasse aquele momento. Então, chamei minha madrinha e disse a ela:

— Madrinha, por mais que eu seja criança, está claro que as notícias não são boas. Por favor, diga-me o que está acontecendo!

Seus olhos estavam avermelhados, profundos; e as pálpebras, arroxeadas. Seu rosto era sofrido, como de alguém que chorou durante toda a madrugada. Ela fitou-me com intensidade e respondeu:

— Meu filho, sua mãe juntou-se aos anjos. Ela está com Deus, no céu. — disse aquelas frases que se fala a uma criança quando a morte de um ente muito querido acontece.

Continuei no meu silêncio, pois não conseguia chorar. O filme da vivência com minha querida mãe passava na cabeça como um projetor desregulado e apressado, como nas imagens de cinema mudo. Aquela alma santa altruísta e muito querida por todos, que trabalhava incansavelmente, que só se dedicava aos filhos e sequer tinha tempo e direito de se divertir, havia morrido. Uma doença silenciosa e misteriosa para a época levou-a a sofrimentos extremos, justamente no dia da santa da sua maior devoção! Santa Luzia intercedera por ela, compadecida de seus sofrimentos; levava-a, com certeza, para a glória da luz divina.

Lembro-me, ainda, da última vez em que a vi. Havíamos ido eu e meu querido irmão, Ângelo, num sábado à tarde ao hospital. Quando entramos no quarto, ela mostrou-se extremamente fragilizada pela doença, e as forças faltavam-lhe. Mas, ali, deu-nos a última demonstração de sua extrema coragem e raça de uma italiana guerreira valerosa, que deixara sua terra e os entes queridos. Levantou-se com

dificuldade, com uma força extraordinária, abraçou-nos chorando e repetiu, algumas vezes: “Meus filhos, meus filhos!” E beijava-nos incansavelmente. Voltou-se para mim, pegou embaixo do seu travesseiro uma figura de São Francisco de Assis e disse-me:

— Ele sempre o protegerá; carregue com você.

Hoje eu compreendo seu gesto, pois nossa mãe percebia, por eu sempre a acompanhar à igreja, que guardaria a convicção religiosa com fervor. Aos poucos, suas forças foram faltando, mas as lágrimas não paravam. Que sofrimento absurdo, que dilacera a alma! Aquela mãe, que punha sob suas asas protetoras os pintinhos, como escudo, tornando-nos invisível ao mal, sabia que estava nos deixando, e a dor da separação era alucinante; eu tinha certeza! A ferida causada por seus sofrimentos jamais se apagou da minha mente e vou carregá-la até os últimos dias da minha vida.

Meus padrinhos levaram-me ao velório, num silêncio de pedra. Acho que nada em mim tinha movimento; nem me lembro por quanto tempo ficamos no carro. De repente, a madrinha balbuciou: “Chegamos, meu filho. Seja forte!”. Avistei a imagem funesta ao fundo, naquela tarde lúgubre e cinzenta. Não chovia, nem fazia sol; a nebulosidade trazia uma brisa mórbida. Parecia que nada se movimentava. Sem dúvida, o tempo havia parado.

De imediato, meu olfato infantil apurado sentiu o odor vindo dos quartos dos pacientes ali hospitalizados, que acompanharam nosso calvário e o da nossa mãe, durante longos nove meses. Parei inerte e vi que Ângelo estava fora da sala do velório; a distância geográfica que nos separava era relativamente grande; porém, era como se estivéssemos frente a frente. Fui me aproximando lentamente de meu irmão e, ao chegar a ele, abraçamo-nos desesperadamente. Então, caímos em choro compulsivo.

Meu pai, de dentro da sala do velório, fitava-nos choroso; seu semblante era de dor e de muitas incertezas. Minha avó não parava de gritar, em lamentos e blasfêmias, a perda da única filha e companheira. E agora, o que seria de todos nós?

Após a cerimônia, lembro que voltei à casa dos meus padrinhos, porque era intenção que me criassem; a amizade entre minha mãe e a madrinha era de um laço extremamente forte, e ela sentia a obrigação de retribuir a amizade à amiga falecida.

Os dias foram passando; e recorro de quando estávamos próximos do Natal. Os parentes faziam de tudo para me distrair, mas minha tristeza não se afastava; meus pensamentos não estavam concentrados só na perda da minha mãe, mas na preocupação com meu pai e meus irmãos. Aquela não era minha família, embora tivesse gratidão por aquelas pessoas e pelo carinho que me dispensavam.

Pela primeira vez, passaria um Natal longe dos meus pais e dos irmãos; meus padrinhos encheram-me de presentes, o que jamais tive, pois nossa comemoração restringia-se à igreja e, depois, sempre com muita alegria, havia comida e bebida à vontade. Nossa família de origem italiana tinha esse hábito de permanecer como comensais à mesa, e isso só terminava no final da noite do dia 25. Mas presentes? Com que dinheiro? Não havia. Meus padrinhos e seus parentes próximos paparicaram-me, devido ao meu trauma sofrido. Ao levantar no dia de Natal, fitei os presentes, e nada me vinha à mente a não ser a imagem de meus irmãos. E eles? Como será que acordaram? E, aí, internamente, repartia aqueles mimos: “Aquele é pro Beto; este pro Ângelo; aquele pra Mena.”

O dia de Natal foi longo; e eu queria apenas estar com meus irmãos e meu pai.

Após os festejos natalinos, percebi que meu desespero aumentava, e a saudade sufocava. Na verdade, aquele não era meu mundo; tudo funcionava com horários e muitas regras burocráticas: hora de acordar, hora de tomar café, hora de comer, hora de dormir... Infelizmente, apesar de todos os esforços dos padrinhos, a vida era chata, monótona e entediante. Sentia-me um felino enjaulado. Imaginam? Eu, que vivia uma vida quase selvagem, andando de short, sem camisa e com uma atiradeira na cintura para me defender, que subia nas árvores com a agilidade de um macaco, corria pelos muros, soltava e fazia pipas, balão,

rodava pião com extrema habilidade circense e adorava me embrenhar no mato e sumir (motivo de muitas surras), via-me sem tudo isso.

Então, dois dias depois do Natal, tramei minha fuga. Aleguei não estar me sentindo bem e não fui com meu padrinho e os primos para a piscina de um clube famoso da Tijuca. Esperei minha madrinha sair para vender seus produtos de beleza. Juntei as roupas que tinha levado e decidi não carregar os presentes ganhos durante minha permanência com eles. Com algum dinheiro dado por meu padrinho, fui à praça e peguei o ônibus. Saltei longe de onde morava; por isso, andei a pé um bom pedaço e cheguei a minha casa à noitinha. Com dificuldade, subi as escadas. Cada degrau trazia a lembrança de minha amada mãe.

Para minha surpresa, ao chegar, deparei-me com meu pai. Estava sentado, com os olhos marejados de lágrimas, fumando seu tradicional charuto. Senti o cheiro da fumaça que eu tanto adorava! Minha surpresa era a presença de meu pai àquela hora, sozinho. E jamais, jamais, vou esquecer sua demonstração de amor paternal. Quando me viu, abraçou-me forte, quase provocando asfixia. Chorando copiosamente, disse:

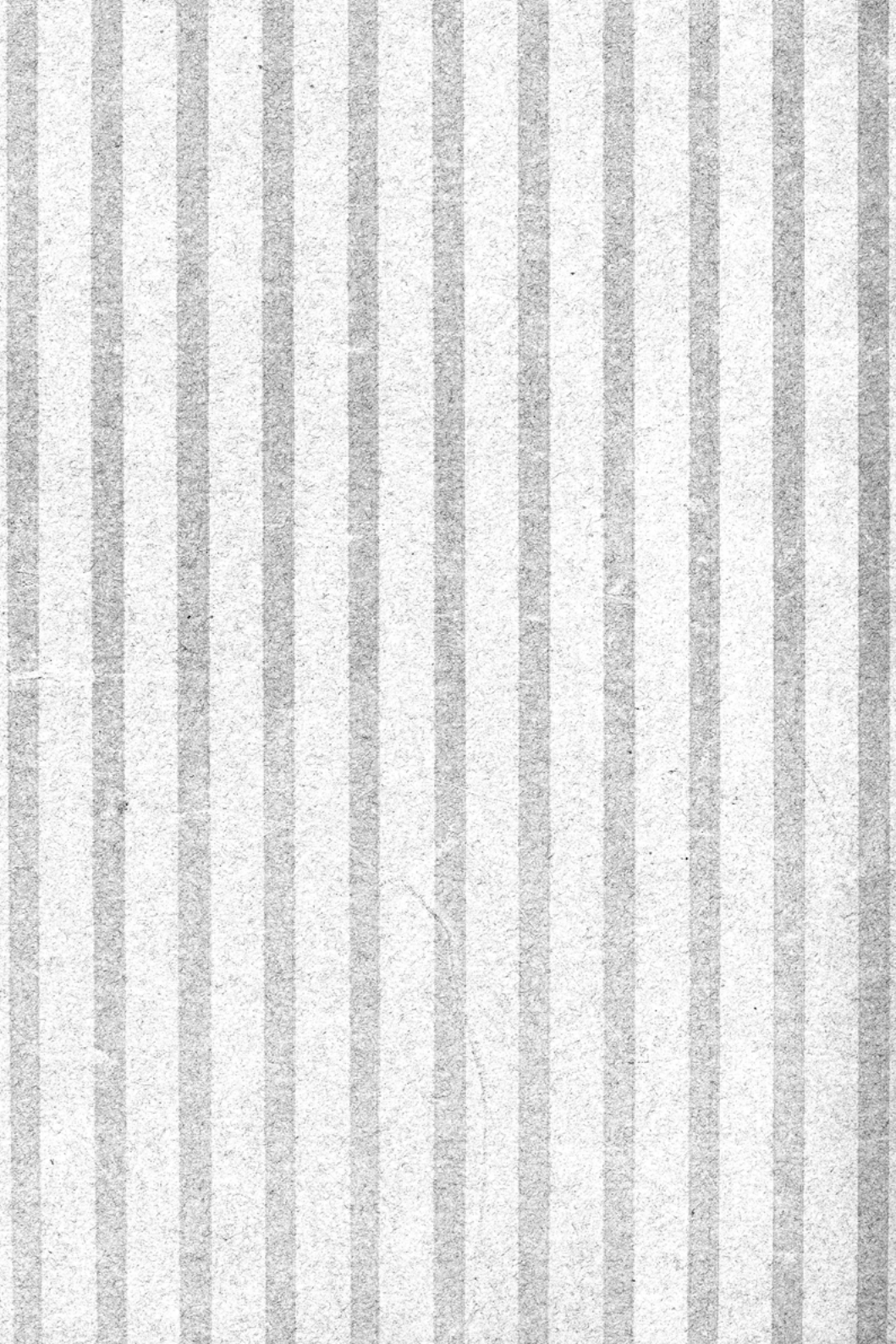
— Meu filho, meu filho, você voltou!

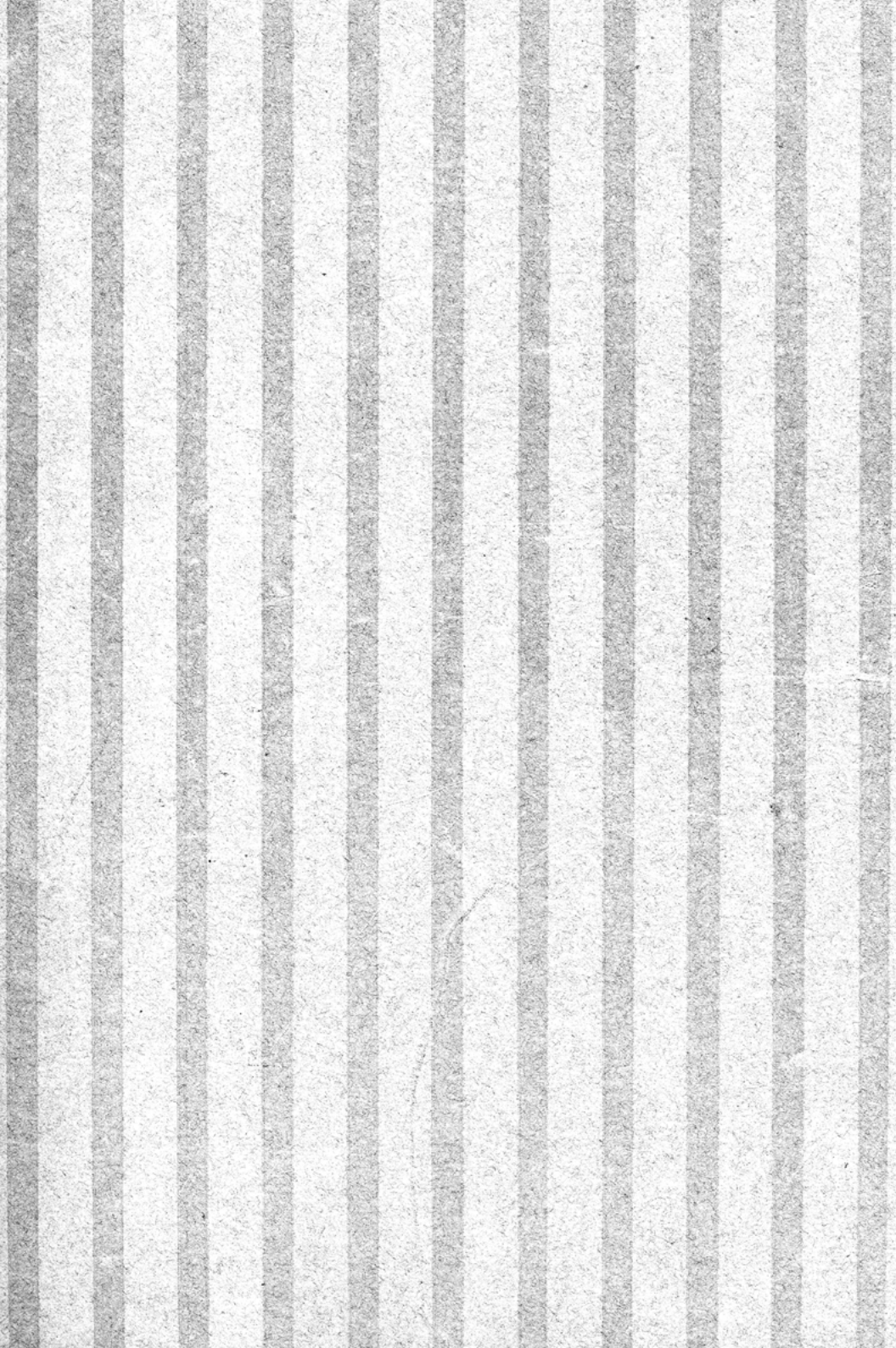
E eu chorava pela imensa saudade. Queria que o tempo parasse e me deixasse nos seus braços. Minha carência e insegurança não me permitiam soltá-lo; ele, só ele, podia me consolar. De súbito, pensei nos meus irmãos e corri a procurá-los. Abracei-me com todos eles e permaneci assim por muito tempo. Afinal, eu voltava para o local de onde nunca deveria ter saído.

Um tempo depois, meus padrinhos vieram procurar meu pai, preocupados. Ficaram aliviados por me encontrarem ali e sequer chamaram minha atenção. Inteirados da situação, perceberam que só junto a minha família, com meu pai e irmão, eu seria feliz.



2ª edição	fevereiro 2023
impressão	eskenazi
papel miolo	pólen bold 90g/m <sup>2</sup>
papel capa	cartão triplex 300g/m <sup>2</sup>
tipografia	apothecary e calluna







**FRANCISCO OLIVA** (Chico), apesar da descendência italiana, é um carioca autêntico e convicto, amante inveterado de futebol e samba. Nasceu em casa, no bairro do Catumbi, em 1950, na Travessa Vista Alegre, bem no alto, quase no morro. Praticante ferrenho das peladas nos campos de várzea, da Zona Norte, jogou muito em subúrbios, nos demais bairros e também pelas cidades vizinhas ao Rio de Janeiro. Morou em Quintino Bocayuva durante a maior parte da infância e da adolescência. É componente da Velha Guarda de sua maior paixão, a escola de samba Império Serrano.

ISBN 978658131549-8



mórula  
EDITORIAL